

Dr. Manfredo Carlos Wachs<sup>1</sup>  
Ma. Raquel Dilly Konrath<sup>2</sup>  
Esp. Carla Eloisa Kern<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo visa partilhar a travessia metodológica vivenciada na realização de um estudo com crianças, conduzido por um grupo de pesquisadores. Este artigo é parte da pesquisa sobre protagonismo infantil: significações e manifestações de ações educativas. Este artigo procura aproximar-se do conceito de reflexividade, compreendendo que num processo de pesquisa é fundamental aprofundar as suas análises teóricas e práticas. No conceito abordado, compreende-se a reflexividade como a capacidade de refletir sobre si mesmo, visando compreender melhor uma realidade em que se situa. O processo de pesquisa precisa estar bem estruturado e o caminho, mesmo que se tenha flexibilidade no caminhar e no pesquisar, delineado para que se possa conseguir deixar evidenciar as perguntas e os problemas a serem analisados. Nos métodos escolhidos se parte do pressuposto que os pesquisadores resgatam, evocam experiências e resgatam trajetórias pessoais e profissionais. Este processo de resgate promove ressignificações e evidenciam questões a serem pesquisadas. A conjugação de dois métodos etnográfico e fenomenológico e suas interligações promove a combinação de um novo método. Este artigo não tem a pretensão de “criar” métodos, mas verificar elementos que possam ajudar no intercruzamento de referenciais e dimensão metodológica. A reflexão não se esgota neste artigo, pois pretende revelar um caminho que se projeta.

**Palavras-chave:** protagonismo infantil, reflexividade, etnografia, fenomenologia, pessoa do pesquisador

**ABSTRACT:** This article aims to share the methodological crossing experienced in a study with children, led by a group of researchers. This article is part of the research on children's protagonism: meanings and manifestations of educational actions. This article aims to approach the concept of reflexivity, realizing that in a search process it is fundamental to deepen its theoretical and practical analysis. In approached concept, reflexivity is understood as the ability to reflect on itself, aiming to understand better a reality in which it is located. The research process needs to be well structured and the way, even if you have flexibility in conducting it and searching, designed so that you can highlight the questions and the problems to be analyzed. The chosen methods are based on the assumption that researchers rescue, evoke experiences and redeems personal and professional trajectories. This redemption process promotes new meanings and highlight issues to be researched. The combination of two methods, ethnographic and phenomenological, and their interconnections promote the blend of a new method. This article does not intend to create methods, but check elements which can help in the interbreeding of reference and methodological dimension. The reflection does not stop in this article, because it intends to reveal an opening path.

**Keywords:** children's protagonism, reflexivity, ethnography, phenomenology, researchers' role

---

<sup>1</sup>Dr. Manfredo Carlos Wachs, professor e diretor do Instituto Superior de Educação Ivoti, coordenador do Grupo de Pesquisa “Formação de Professores”, manfredo.wachs@ieduc.org.br

<sup>2</sup>Ma. Raquel Dilly Konrath, professora do Instituto de Educação Ivoti - IEI, coordenadora do curso Normal, em nível Médio, do IEI, professora do Instituto Superior de Educação Ivoti – ISEI, membra do Grupo de Pesquisa “Formação de Professores”, doutoranda da Feevale, raquel.konrath@ieduc.org.br

<sup>3</sup>Esp. Carla Luisa Kern, professora de Educação Infantil da rede municipal de educação de Estância Velha, membra do Grupo de Pesquisa “Formação de Professores”, carla.kern@hormail.com

## INTRODUÇÃO

Como docentes atuantes na formação de professores, como docentes atuantes na educação infantil, como assessores da formação continuada de professores, dialogamos com a realidade educacional e somos, permanentemente, desafiados a pensar e repensar nossos conceitos e nossas práticas. Muitas vezes, também somos defrontados com situações e narrativas que nem sempre coincidem com o que refletimos no contexto da academia, nos cursos de licenciatura e nos cursos Normal, em nível Médio. O comprometimento e a trajetória pessoal e profissional dos autores deste artigo com o campo da educação, trazem algumas vantagens e desafios e procuram alertar o desenvolvimento de uma pesquisa. A vantagem está em conseguir relacionar com mais facilidade a teoria e a prática e apontar questões desafiadoras. A desvantagem está em que o forte envolvimento pode “ofuscar” a visão, dificultando uma visão nítida da realidade.

Enquanto formadores de professores, compreendemos que devemos estar em permanente diálogo com pesquisas recentes, caminhar no “chão da fábrica”, mantendo uma proximidade com a realidade da sala de aula da educação básica e realizar uma sistematização de reflexões pedagógicas. Enquanto formadores de professores, estamos também num permanente processo de pensar e repensar a nossa própria prática e concepções. É esta postura investigativa que une os autores deste artigo.

Neste artigo estamos apresentando um extrato da pesquisa “Protagonismo infantil: significações e perspectivas”. No presente texto apontamos alguns pressupostos teóricos da pesquisa em curso e também o caminho metodológico que assumimos. Abordaremos, especialmente, três eixos: reflexividade, sujeito pesquisador e opção de método.

### 1. REFLEXIVIDADE

Ao propormo-nos a realização de uma pesquisa, estamos diante de decisões: podemos tomar diversos caminhos metodológicos, bem como distintos referenciais e pressupostos teóricos, tanto na dimensão filosófica quanto pedagógica. Estas opções e decisões podem ser repensadas e redirecionadas, pois a pesquisa é um caminho a busca de um caminho. Uma opção e decisão estabelece um ponto de partida. Diante desta necessidade, nos aproximamos do conceito de reflexividade. José Carlos Libâneo (2002, p. 55s), define, inicialmente, a reflexividade como a “capacidade racional de indivíduos e grupos humanos de pensar sobre si próprios”. Isto significa que uma pesquisa não se concentra unicamente num objeto estranho e distante do pesquisador, mas envolve o próprio pesquisador. Em outros termos podemos dizer que nenhum pesquisador sai incólume de uma pesquisa, pois ele algo modifica um objeto em conhecimento, ele também modifica a si mesmo enquanto sujeito e objeto da pesquisa. Numa das suas argumentações, o autor destaca a

“reflexividade como consciência dos meus próprios atos” (2002, p. 56). Podemos perceber, na afirmação, a presença de um conceito em que ocorre um afastamento do pensamento que compreende a pesquisa como uma ação de pura objetividade, como um distanciamento entre sujeito pesquisador e objeto a ser pesquisado. Na linha de pensamento apresentado por Libâneo, não há neutralidade na pesquisa, não há um pensar unicamente sobre os outros, como se eu não tivesse nenhuma relação pessoal, nenhum envolvimento racional e afetivo com a temática a ser pesquisada. Em nosso conceito, compreendemos que as pessoas pesquisam o que lhes afeta pessoalmente, o que lhes toca, o que lhes instiga. Assim, entendemos que um tema, uma produção tem uma relação direta com a dimensão subjetiva da pessoa. Não podemos esquecer que o pesquisador é pessoa e também olha os objetos de pesquisa a partir dos seus olhares, de suas interpretações.

Os autores, estando conscientes deste caráter subjetivo de toda e qualquer pesquisa firmaram como propósito e princípio de investigação se inserir no mesmo contexto e foco de pesquisa, buscando cultivar diferentes olhares e diferentes escutas. Os primeiros momentos de partilha das observações já confirmaram a importância desta estratégia de ação. Os pesquisadores visitam o local de pesquisa em dias e horários distintos. Às vezes, vão em duplas, às vezes sozinhos, às vezes no mesmo dia da semana, às vezes alternando os dias da semana. Acreditamos que nesta sistemática e opção metodológica, conseguimos ter uma visão mais holística e menos imparcial da realidade pesquisada.

Libâneo (2002, p. 62) destaca, entre outros, a dimensão hermenêutica no que o autor caracteriza como sendo a reflexividade de cunho crítico. É, portanto, de caráter interpretativo. Ao nos atermos a esta argumentação e definição, buscamos o método fenomenológico de pesquisa. Este método será apresentado mais adiante.

Pérez Gómez (apud LIBÂNEO, 2002, p. 55) escreve que a “reflexividade é a capacidade de voltar sobre si mesmo, [...] para enriquecer e modificar não somente a realidade e suas representações, mas também as próprias intenções e o próprio processo de conhecer”. Neste sentido, entendemos que o caminho da pesquisa não se restringe a um ato cognitivo, assim como não se modifica somente ideias, mas o pesquisador se modifica ao modificar. Ou como dizia Paulo Freire (2011, p. 25), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

## 2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

### 2.1 Perspectiva qualitativa

Os teóricos Lankshear e Knobel (2008, p. 19) afirmam que “um pesquisador sério não está meramente interessado em 'algo que funcione', mas em entender como e por que funciona e/ou como

pode precisar ser adaptado para funcionar em outras circunstâncias ou aplicar-se a outros casos. Isso significa querer entender 'o que faz as coisas acontecerem' em educação". O aprimoramento profissional e também pessoal, no campo educacional, envolve uma dimensão de compreensão do fenômeno educacional que nos é apresentado, que se evidencia. Não basta somente se aproximar com o fenômeno, é necessário se apropriar do seu conteúdo, de suas narrativas, assim como vislumbrar perspectivas e possíveis soluções provisórias e corrigíveis.

O processo de aproximação do fenômeno é uma ação na qual o pesquisador vai ao encontro do objeto de pesquisa. Ele precisa sair para "fora" do seu espaço próprio e pessoal. Ele necessita desalojar-se, sair da zona de conforto. Neste sentido, acreditamos que o viés da pesquisa qualitativa é um caminho adequado para percorrer e nos apropriarmos das dimensões significativas relacionadas ao protagonismo infantil. Janet Ward-Schofield (apud RICHARDSON, 2011, p. 94) afirma que, na pesquisa qualitativa, o objetivo do pesquisador "é produzir uma descrição coerente e iluminador de uma situação baseada no estudo consistente e detalhado dessa situação". Em outras palavras podemos dizer que o pesquisador precisa mergulhar numa realidade para emergir molhado, encharcado, e não somente umedecido. O autor Flick (2009, p. 8) refere-se à pesquisa qualitativa como o processo de descrever os fenômenos sociais "de dentro", procurando analisar experiências de indivíduos e grupos, examinar interações e comunicações e investigar documentos. Richardson (2011, p. 102), por sua vez, reforça a argumentação apontando que o objetivo da pesquisa qualitativa "está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada de atores envolvidos no fenômeno". É, portanto, uma tomada de consciência tanto dos pesquisadores quanto dos educadores ou educandos observados. Acreditamos que nenhum sujeito "sai" de uma pesquisa da mesma forma que "entrou". O sujeito-pesquisador se modifica da mesma forma que modifica a sua visão do objeto pesquisado.

No caso de nossa pesquisa, estamos interessados em termos acesso às experiências e interações de crianças de 04 e 05 anos, levando a sério o contexto, a cultura e a organização de espaço-tempo da aprendizagem das crianças, compreender as narrativas de suas manifestações e verificar como transcorre o processo de construção do protagonismo infantil. Um ingrediente fundamental, na nossa concepção e opção teórica e metodológica, é a inserção no próprio ambiente de pesquisa. Neste sentido, buscamos vivenciar a realidade das crianças realizando observação não participante e cuidando para proporcionar um ambiente de confiabilidade. Antes de formularmos o principal foco da pergunta de investigação, queremos deixar evidenciar-se o problema, permitir evocar o que aparentemente possa estar oculto.

Joel Martins (2000, p. 50) aponta, entre outros aspectos, que a análise qualitativa nas ciências humanas é mais complexa do que nas ciências naturais e nas exatas. Nas ciências humanas a pesquisa fundamenta-se no "modo de ser do homem". Neste campo de pesquisa, se analisa "como os

indivíduos ou grupos representam palavras para si mesmos utilizando suas formas de significados, compõem discursos reais, revelam e ocultam o que estão pensando ou dizendo [...]” (MARTINS, 2000, p. 51). Neste sentido, os autores estão utilizando o diário de bordo, como instrumento de pesquisa, para descrever as falas, as narrativas, procurando manter a fidelidade às representações das pessoas e o que elas representam, assim como o que representam as suas manifestações. O cuidado e o respeito que o pesquisador deve ter em relação às crianças, é o de desenvolver uma escuta e um olhar sensível, procurando perceber o que se oculta por detrás das narrativas orais e gestuais.

## 2.2. Pesquisa do tipo etnográfico

Os autores González e Domingos (2005, p. 40) afirmam que o trabalho etnográfico permite observar como o indivíduo se comporta, se relaciona, quais são seus valores e quais as crenças que sustentam as suas atitudes e o seu comportamento. Angrosino (2009, p. 16) ao apresentar um breve histórico da pesquisa etnográfica, define o método como “uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades”. Este método tem a origem na antropologia e a medida que se tornou mais conhecido e utilizado passou a ser associado a uma ampla variedade de orientações teóricas. No objeto desta pesquisa, constatamos que a orientação do “interacionista simbólico” traz uma importante contribuição para análise. Especialmente, quando se entende a sociedade como um “caleidoscópio em constante mutação de indivíduos interagindo uns com os outros” (ANGROSINO, 2009, p. 20). Compreendemos que os sujeitos que compõem a sociedade são dinâmicos, contextualizados, socialmente situados, em processo de inacabamento e, portanto, mutáveis, pois são sujeitos históricos que fazem a história. Os conceitos formulados, neste viés da pesquisa, não podem ser vistos e entendidos como universalizantes e nem generalistas. Eles são retratos de um tempo, de um espaço, de um grupo de sujeitos. No interacionismo simbólico partimos de alguns pressupostos, resumidos por Angrosino (2009, p. 20) da seguinte maneira: a) pessoas vivem em um mundo de significados aprendidos e compartilhados através de interações; b) símbolos são motivos que impelem as pessoas a desempenharem suas atividades; c) a própria mente cresce e muda em resposta às interações e d) o *self* é uma construção social. O pesquisador procura desvelar os significados que os atores sociais atribuem às suas ações. Como sujeitos pesquisadores identificados com o campo de pesquisa e com a própria educação, a inserção do espaço-tempo da pesquisa é fundamental, porque a coleta de dados é realizada de forma direta.

Angrosino (2009, p. 31) afirma que o método etnográfico, no campo da ciência social, é distinto de outros e o caracteriza em sete importantes aspectos metodológicos, que podem ser dimensionados como pressupostos:

- 1) é baseado na *pesquisa de campo* (no local em que as pessoas vivem);
- 2) é *personalizado* (pesquisadores face a face e é tanto participante quanto observador das vidas em estudo);
- 3) é *multifatorial* (utiliza duas ou mais técnicas de coleta de dados);
- 4) requer compromisso de *longo prazo* (o tempo exato pode variar);
- 5) é *indutivo* (utiliza acúmulo de dados descritivos para elaborar modelos ou teorias explicativas);
- 6) é *dialógico* (aspectos podem e devem ser discutidos entre os pares) e
- 7) é *holístico* (revelar o retrato mais completo possível).

Utilizaremos, essencialmente, a técnica de descrição de situações marcantes que contém manifestações significantes de parte das crianças. As descrições de ações e de narrativas da parte das crianças. Estas serão registradas em diário de bordo e coletadas pelos próprios pesquisadores. Se procurará coletar um número expressivo de narrativas e de descrição para, posteriormente, se realizar a seleção e as interpretações. Na descrição será importante apresentar uma caracterização da cena e do cenário, pois as ações e as narrativas não acontecem num espaço vazio e nem desconectado de outras ações e interações. Também é importante perceber o que se oculta atrás das cenas e cenários.

De acordo com Marli André (2005, p. 25), no campo da educação é necessário se realizar uma adaptação no método etnográfico, não se utilizando todos os instrumentos e procedimentos do campo da antropologia. É necessário reconhecer a especificidade de cada área de conhecimento, de cada ciência, e que não se pode realizar uma simples transposição de uma ciência para outra. Conforme Marli André, no campo da educação são realizados “estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido restrito”. No campo restrito da etnografia se pretende descrever a cultura de um grupo social, isto quando ficarmos delimitado ao viés antropológico. Se adaptarmos ao campo pedagógico, o foco da pesquisa estará voltado ao processo educativo. Marli André destaca que a educação precisa atender aos princípios de *relativização*, *estranhamento* e *observação participante*. A relativização seria o processo em que o pesquisador sai do seu eixo, do seu campo de referência, sem negar a sua historicidade, focando o eixo nos sujeitos investigados. Nós estamos aqui usando o processo interpessoal do nosso grupo de pesquisadores, com uma dimensão de “desnudamento” ou de “desvestir, investir e revestir”. Nós temos que nos desnudar dos paradigmas, dos conceitos pré-formados, de leituras da realidade pré-constituídas para conseguir ler e ouvir o fenômeno que nos é revelado e ocultado. Entendemos o movimento dialético e dinâmico de “vestir-se” como uma ação investigativa de interpretação e questionamento a si próprio. O pesquisador precisa tirar o “verniz que encobre a sua pele e o impede de respirar” para que possa “transpirar” numa nova realidade. E ao sair, ao se despedir momentaneamente do espaço-tempo de pesquisa, parte com uma nova “vestimenta”, com novos olhares. Por isto, se entende a observação participante como a dinâmica de ser afetado pelos sujeitos que são afetados.

Marli André (2000, p. 40) destaca a importância do estudo etnográfico no cotidiano escolar. Ela afirma que “a escola é o momento de concretização de uma série de pressupostos subjacentes à

prática pedagógica, ao mesmo tempo que é o momento e o lugar de experiência de socialização que envolve professores e alunos, diretor e professores, diretor e alunos”. Na justificativa da escolha da nossa temática de pesquisa, avaliamos que há discursos de professores que não coincidem com a prática docente, assim como existem manifestações de vitimizações por parte de professores que nem sempre coincidem com a realidade. Há falas sobre as crianças que produzem uma estranheza. A opção pela inserção da observação participante implica em poder conhecer, de acordo com Marli André, o clima institucional, os processos de interação em sala de aula e o histórico de cada sujeito manifestado no cotidiano escolar.

### 2.3 Pesquisa fenomenológica

Masini define que a dimensão fenomenológica da pesquisa, mais do que uma questão de método, é uma atitude de investigador. Para Masini (2000, p. 62), é a “abertura do ser humano para compreender o que se mostra”. É uma atitude de perceber os fenômenos que se apresentam, que se revelam. Por isto, o pesquisador precisa se mostrar aberto para o que se mostra. Isto implica em que o próprio sujeito pesquisador deve se mostrar aberto para novas perspectivas e colocar a si mesmo como objeto de pesquisa.

O pesquisador Gil (2010, p. 39) esclarece que a pesquisa fenomenológica se dedica à descrição da experiência vivida da consciência, interpretando o fenômeno que se apresenta à percepção. Busca-se descobrir o fenômeno, revelar o que está além de sua aparência, baseando-se nas experiências vividas pelos sujeitos e no sentido a elas atribuído. Nesta perspectiva, é necessário se deixar evidenciar tanto as experiências vividas pelo pesquisador quanto dos próprios sujeitos envolvidos na pesquisa. As ações e atividades propostas na pesquisa são realizadas por ambos os sujeitos. O pesquisador não é um mero espectador, observador. As experiências propostas ou observadas pelo pesquisador podem evidenciar o que está armazenado na memória. Assim a experenciação é o processo de tomada de consciência do que está guardado no inconsciente. E as narrativas das experenciações são as manifestações do que é significativo para as pessoas. Assim sendo, o objeto de investigação é o próprio fenômeno, isto é, o que se mostra a si e em si mesmo, tal como é. Busca-se a interpretação do mundo por meio da consciência do sujeito participante, elaborada a partir de suas experiências.

De acordo com Kern (2014, p. 18), a pesquisa fenomenológica “não se detém a quantificações, comprovações, estatísticas e generalizações”. A autora afirma que na pesquisa fenomenológica o sujeito pesquisador “atua na compreensão particular e específica daquilo que se mostra, com foco no ser humano e na sua percepção e visão do fenômeno em si mesmo”. O enfoque fenomenológico se concentra nas percepções dos sujeitos e no significado que os fenômenos têm para eles. Masini (2000,

p. 63) destaca que o método não se restringe a descrição passiva ou a mero ato de fotografar uma cena. É simultaneamente uma tarefa de interpretação. Entretanto, não é um ato atropelado ou precipitado, pois implica numa atitude que necessita, inicialmente, entender o que se está comunicando, depois compreender o que está dito ou escrito, para em seguida interpretar. Isto significa que o ato de interpretação exige uma profunda atitude de compreensão.

Tal compreensão é alcançada no processo reflexivo construído na própria trajetória da pesquisa. Uma característica presente na fenomenologia contribui para isso, sendo ela o seu caráter de inacabamento, o qual implica num constante movimento de ir e vir, proporcionando o entrelaçar de ideias, pensares e conhecimentos, com vistas ao desvelamento daquilo que se manifesta da vivência, do mundo real e vivido (ROJAS, 2012, p. 132). Os pesquisadores visitam e re(visitam) o fenômeno, buscando alcançar sua estrutura central e essencial, seu significado principal (HOLANDA, 2006, p. 370) e se utilizam de diferentes instrumentos de investigação para o estudo do fenômeno, objetivando encontrar seu sentido, bem como, interpretar o significado a ele atribuído pelos sujeitos (CHIZZOTTI, 2003, p. 221). Ao vivenciar a realidade das crianças através da observação não participante, os pesquisadores vem experienciando esse processo dinâmico de reflexão a partir de diferentes olhares e escutas sobre aquilo que se revela do fenômeno. Ao assumir o compromisso de observar o mesmo espaço e mesmos sujeitos do objeto de pesquisa, os pesquisadores permitem-se perceber múltiplas perspectivas do fenômeno. Essa pluralidade de olhares e singularidade na maneira com que o olhar de cada um observa e sente as manifestações, potencializam a compreensão em profundidade do fenômeno investigado. Com as contribuições da fenomenologia, temos o intuito de desvelar o protagonismo infantil, "pôr à vista", compreendê-lo através das narrativas das manifestações das crianças e pela maneira como transcorre o processo de construção de significados a ele.

Moreira (2002, p. 86) elucida que a fenomenologia apresenta dois momentos relevantes: a redução fenomenológica e a redução eidética. O primeiro momento é necessário para que os pesquisadores consigam atingir o que o autor denomina de "postura fenomenológica", a qual exige que o conjunto de crenças, referências e conceitos preestabelecidos sobre o fenômeno objeto da pesquisa sejam deixados em suspensão, contribuindo para uma visão aberta às manifestações que observar. Coltro (2000, p. 38), por sua vez, aponta que a postura fenomenológica pressupõe um movimento de abertura, de liberdade de conceitos e valores predeterminados, de questionamento e de inquietação diante das certezas e verdades socialmente consolidadas. Essa característica peculiar do referido método vem exigindo dos pesquisadores um desprendimento de valores e concepções outrora naturalizadas sobre o fenômeno, deixando evocar as manifestações significativas das crianças nas experiências cotidianas para, num processo reflexivo, compreender e interpretar seus significados essenciais. É neste momento que a redução eidética se apresenta necessária. Este segundo momento



é marcado pela busca às essências do fenômeno, às características que se manifestam durante o processo de variações do mesmo e que sem as quais não se pode pensar no fenômeno em si. Para isso, é necessário refiná-lo de tudo o que não seja essencial, promovendo a redução eidética e alcançando seu verdadeiro significado, o elemento semelhante que se mostra no decorrer do fenômeno.

Outro importante aspecto a destacar é a necessária atenção dos pesquisadores para a relação existente entre sujeito e objeto pesquisado, visto que não existe separação entre eles. Ao buscar a compreensão do fenômeno, alcançando suas essências, existe um movimento intrapessoal de debruçar-se sobre si mesmo, sobre as próprias percepções acerca do fenômeno e, num processo reflexivo sobre os próprios processos de significação e constituição de subjetividades, as impressões se revelam na trajetória investigativa. Essas posturas exigem que os pesquisadores consigam atingir a objetividade necessária considerando as subjetividades reveladas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Desenvolver uma pesquisa é um ato de compreender-se melhor para conseguir compreender e interpretar a realidade em que estamos situados. É um ato de visitar-se, buscando admirar-se um ato de autoaceitação, mirando-se numa retrospectiva reconstrutora da memória com a perspectiva de uma prospecção. Na perspectiva fenomenológica a retomada da memória de ações significativas promove ressignificações e fortalecimento para uma projeção qualificada da proposta pedagógica. A pesquisa tem sentido e importância quando contribui para o fortalecimento pessoal e profissional de quem pesquisa e de quem é pesquisado.

A pesquisa etnográfica destaca a importância da inserção do próprio pesquisador no contexto da realidade a ser observada. Os dados levantados e apontados em artigos pelos pesquisadores precisa ocorrer em primeira mão, como fonte primária e não secundária. Os relatos, as narrativas devem ser apresentadas de forma descritiva e fidedigna em relação ao ocorrido. O leitor precisa ser auxiliado a perceber, a identificar os fatos reais.

Contata-se que o pesquisador precisa considerar que a sua análise da realidade e dos objetos de pesquisa, são carregados de fortes elementos de subjetividade sem se perder na parcialidade da interpretação. Por isto, o pesquisador precisa realizar um constante processo de olhar para si mesmo, como sujeito pesquisador e objeto pesquisado. Ele precisa realizar uma análise crítica de si mesmo, procurando uma reflexividade qualificada e aprofundada.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional.**

Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaz de. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 35-46. (Biblioteca da Educação, Série I, Escola; v. 11)

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaz Afonso de. Avanços no conhecimento etnográfico da escola. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas: Papyrus, 1995. p. 99-110. (Coleção Práxis)

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Trad. José Fonseca, Consultora, Supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CHIZZOTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. 2003, 16(2), p. 221-236.

COLTRO, Alex. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de pesquisas em administração**. São Paulo, 2000, 11(1), p. 37-45.

FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, Leopoldo Jesús e DOMINGOS, Tânia Regina Eduardo. **Cadernos de Antropologia da Educação**. Petrópolis: Vozes, 2005. (Vol.4, O método na Antropologia da Educação)

FLICK, Uwe. Introdução à Coleção Pesquisa Qualitativa. In: ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Trad. José Fonseca, Consultora, Supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 07-13.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica**, 2006, 3(XXIV), p. 363-372.

KERN, Carla Eloisa. **Resiliência: exigência contemporânea de coordenadoras pedagógicas de escola pública municipal de educação infantil**. Ivoti: Instituto Superior de Educação Ivoti, 2014.

MARTINS, Joel. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 47-58. (Biblioteca da Educação, Série I, Escola; v. 11)

MASINI, Elcie Salzano. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 59-68. (Biblioteca da Educação, Série I, Escola; v. 11)

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

RICHARDSON, Roberto Jarry e Colaboradores. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed., 12.

reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

ROJAS, Jucimara. Linguagem, cognição e cultura: uma leitura em fenomenologia da prática educativa. **EccoS Revista Científica**. 2012, (28), p. 131-147.